

Reitor diz que projeto vai ser reavaliado

Fábio Takahashi e Andressa Taffarel

Discussão sobre mudanças em programa de inclusão para estudantes da rede pública deve começar neste mês

Pró-reitora de graduação afirma que a universidade trabalha para ter mais alunos vindos da rede pública

O reitor da USP, João Grandino Rodas, afirmou que reavaliará o projeto de inclusão social (Inclusp), que atualmente oferece bônus para estudantes da rede pública, entre outras medidas.

A discussão será iniciada no próximo Conselho Universitário (órgão máximo da universidade), que deverá acontecer ainda neste mês.

Rodas disse que pretende levar a discussão também a outras instâncias e unidades da instituição.

"Queremos ouvir que tipo de inclusão a USP quer fazer, se mantém ou não o programa. Com base em consensos, mínimos ou máximos, vamos fazer um projeto", afirmou o reitor à Folha.

Qualquer mudança no processo seletivo, no entanto, só poderá ser feita no vestibular para ingresso em 2012, pois o edital para o de 2011 já foi publicado.

Rodas não quis comentar os dados que apontam a queda na proporção de egressos da rede pública entre os aprovados na instituição.

Segundo o reitor, isso poderia interferir nas discussões sobre o programa.

META

O Inclusp foi lançado pela antecessora de Rodas, Suely Vilela. A antiga gestão fixou como meta que 30% dos aprovados seriam de escolas públicas. O patamar foi atingido apenas no ano passado.

A atual pró-reitora de graduação, Telma Zorn, afirma que não trabalha mais com a meta numérica.

"O que queremos é manter o nível de ensino da USP. Nos acham elitista, mas essa não é uma imagem verdadeira. Qualidade não é sinônimo de elitismo", afirma.

Zorn afirma, porém, que a universidade trabalha para que haja mais alunos da rede pública entre os aprovados.

Pressão por mais inclusão deve crescer sobre a universidade

Antônio Gois

Quando bem torturados, números confessam qualquer coisa. O clichê pode ser dos mais batidos, mas se aplica perfeitamente à análise dos resultados do programa de inclusão da USP.

Quem quiser enxergar nos dados divulgados pela universidade um sucesso incontestável da política de bônus dirá que, de 2006 a 2010, o percentual de alunos da rede pública que passaram no vestibular da universidade mais que dobrou, saltando de 3,6% para 8,2%.

Ou seja, oito em cada cem estudantes dessas escolas que se inscreveram no concurso foram aprovados.

Os mesmos números, no entanto, contam outra história. Eles mostram que, com exceção do pico registrado em 2009, a proporção de oriundos da rede pública em relação ao total de aprovados -incluindo aqui também os alunos da rede privada- está praticamente congelada em torno de 25% desde 2001.

A política de inclusão da USP, por esse critério, foi incapaz de alterar o perfil do ingressante em seus cursos.

Para entender a discrepância entre as duas leituras, é preciso considerar que houve uma queda brutal (de 69 mil para 33 mil) no total de inscritos de escolas públicas entre 2006 e 2010.

Talvez esses estudantes estejam optando por vestibulares com acesso mais facilitado à rede pública, casos de Unifesp, UFSCar e UFABC, que trabalham com cotas, em vez de apenas dar bônus na pontuação.

Outros alunos podem estar migrando para instituições privadas com vagas gratuitas no ProUni (programa federal para facilitar o acesso ao ensino superior).

Diante desse quadro, tende a crescer a pressão para que a USP faça mais do que tem feito para tornar seu vestibular novamente atrativo aos alunos da rede pública.

A dúvida é até onde a universidade estaria disposta a ir sem recorrer a medidas pelas quais nunca demonstrou simpatia, como o estabelecimento de cotas.

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 11 ago. 2010, Cotidiano, p. C4.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais